MEDÉIA

CLARA ROMARIZ

(Luz acende. Desta vez, com mais intensidade. O cenário se revela: cinzas cobrem o chão, tecidos envolvem as paredes. Os tons de vermelho na luz vão ganhando mais força ao longo da cena)

- Socorro
- ?
-O palácio está em chamas
- ?
- O vestido
-?
- O vestido não é de pano normal de gente
-?
- O vestido que Medéia deu à noiva de Jasão pegou fogo
-?
- É feitiço da bruxa
- ?
- O fogo se alastrou pelos corredores
-?
- O fogo tomou todo o palácio
-?
- Estão todos mortos
-?
-Menos Jasão
-?
- O pai dos filhos de Medéia
-?
- O jardim
-?
- A capela

-?

- O palácio do rei

-?

- Jasão chora e corre até a bruxa

-?

- Grita e corre até a bárbara

-?

- Medéia entrega aos pés do amante coberto de cinzas os corpos de seus filhos

-?

- Medéia entra aos pés do marido o pó dos filhos deles

-?

- Medéia entrega os cadáveres enforcados aos pés de Jasão

-?

- Medéia entrega os pedaços dos seus filhos aos pés de Jasão

-?

- Medéia entrega os corpos degolados aos pés de Jasão

-?

- Medéia entrega a morte aos pés de Jasão

Bebe o sangue de teus filhos Jasão faço um banquete pra você Jasão em um dia meu único dia que basta toma aos teus pés os cadáveres as chamas a morte a culpa tua Jasão tua escolha Jasão presa abandonada expatriada adeus meu país toma o ouro que te prometeram Jasão o ouro em forma de cadáver Jasão toma esses dois corpos pequenos Jasão vingança.

Sem pátria
Sem volta
Sem salvação

Faz frio. Tive medo. Chorei. Queria a morte. Queria a minha morte. Queria a morte dele. Queria a morte dela. Queria a morte da corte, do Rei, do palácio.

Sim, vocês sempre me contam minha história. Sim, já ouvi de suas bocas manchadas tudo sobre mim. Sim, vocês sabem mais de mim do que eu mesma. Mas não se preocupem, eu conto minha história para vocês.

Foram cinzas que entreguei a Jasão. Não corpos inteiros, nem aos pedaços, nem degolados, nem enforcados, nem sangrando. Cinzas, apenas isso. Dois montes de cinzas. A história se espalha pelos seus ouvidos curiosos, suas mãos ávidas por massacre. Quantas estrangeiras vocês viram morrer? O que fizeram para impedir suas mortes? Lutaram bravamente e clamaram por justiça como agora? Quantas mulheres vocês viram morrer? Fome, doença, assassinato. O que fizeram para impedir suas mortes? Quantos filhos dessas mulheres vocês viram morrer? Crianças esquálidas gemendo e chorando, peitos sem leite, disenteria, pneumonia, infecção. O que fizeram para impedir suas mortes?

A terra-mãe está com o ventre seco. Nada mais brota em meu país. Nada mais brotará em suas terras. Não ouviram meu pedido, ouçam minha maldição: Dessa terra suja e covarde nenhum grão brotará, morrerão de fome aqueles que gritaram por minha morte, morrerão de peste aqueles que disseram que eu, Medéia, a bruxa, a estrangeira, a que trouxe prosperidade à sua gente, deveria ser enterrada no mais fundo da terra fértil. Minha fertilidade não dará mais filhos ao mundo. O mundo não merece meus filhos. O mundo é cruel, eu não, eu sou Medeia. O Sol me buscará e queimará tua pele, Jasão, com seu fogo. As chamas do palácio não conseguiram destruir tua vida, o Sol o fará. Ou melhor, tua vida será poupada, Jasão, aproveite teus dias nessa terra broxa. Lembre de tua mulher, lembre de teus filhos, lembre de teu cargo, lembre de teu reino, lembre do nosso sexo.

Eu te dei meu coração, Jasão, e você botou fogo. Foi bom sentir o calor me tomando, o delírio de dois corpos. Mas agora só restam as cinzas do que eu fui. Do que eu me tornei por sua causa, Jasão. Eu te dei tudo; você deve sua vida à mim. Esse trono que você ia sentar foi por minha causa. Nunca imaginei que você ia me trair por poder. Os homens fazem isso sempre. O poder. Massacram por poder. Destroem por poder. Vou te fazer sofrer o mesmo que eu sofri. Quero te ouvir implorar pelo fim do teu tormento. Chora! Aproveite este

banquete, Jasão, durma como ele, se lambuze de vinho e beba o sangue que sobrou da terra. Uma carruagem me espera agora.

Venham, meus filhos, subam comigo na carruagem de ouro. Subam e venham comigo para o alto. Meus meninos, sangue de meu sangue, carne de minha carne, vivos. Minhas crias abandonadas por Jasão, subam na carruagem, repousem suas cabeças no meu colo, vejam o Sol se abrir para nossa chegada, não mais fuga, saída. Deixem seu pai com os dois montes de cinzas que colhi do incêndio do palácio.

Não tive coragem de matá-los, vocês que saíram do meu ventre, frutos de mim, não dele, nunca mais dele. Ele não merece vocês. Merece dois montes de cinzas. Não merece seus corpos mortos. Não é digno de tamanha coragem. Não é digno de uma vingança que me destroçaria. Já fui destroçada pela sua traição, pelos xingamentos do povo desta cidade, pela boca seca do Rei, pelo riso podre da Princesa, pelo pai de vocês. Não destroçaria a mim mesma. Não mais.

Vejam este que chora suas falsas mortes. Reparem nos seus olhos falsos, suas lágrimas falsas, seus discursos falsos. Foquem no rosto do homem que não os queria mais e agora se derrama em lágrimas.

Chora, Jasão! Grita! Berra, esperneia pelo teu futuro ceifado. Sofre pelos dois montes de cinzas do teu palácio queimado, sofre pelas cinzas das paredes, dos vitrais, do Rei, da Princesa, as cinzas que te entreguei em dois montes, as cinzas do palácio, do teu novo lar.